



Fez de Trás-os-Montes o seu, o nosso, “reino maravilhoso” e a sua porta foi sempre São Martinho de Anta. Foi aí que nasceu, foi aí que escolheu ser enterrado como Miguel Torga, o nome literário que é também uma homenagem

a essas paragens. Daí partimos numa viagem pela sua vida e pela sua obra — com a serra e o Douro como espelhos.

## a geografia sentimental (e literária) de uma torga

**“Este livro andava ao vento sobre a campa fria do poeta, foi deixado como lembrança por um discípulo venerador. Para que ficasse inteiro e firme, como foi o Mestre, guardei-o para que outros o leiam e amem (...).”**

É uma campa rasa, a do poeta, uma tampa estreita — simples, rústica, granítica. Passa despercebida no cemitério de São Martinho de Anta. Como Miguel Torga quis. Uma torga terá sido o único pedido, e lá está ela, com se fosse o símbolo, ou a porta, do paraíso. Um paraíso necessariamente incomum: a torga é uma urze, gosta de terrenos inóspitos e lança raízes fundas, aquece (posta a arder, dura a noite inteira), é espontânea. Nesta terra de serranias, difícil e rochosa, abunda, amaciando de lilás o cenário agreste. Nesta terra de serranias, nasceu Adolfo Correia da Rocha, que se faria, provavelmente, médico. As raízes fundas nunca se desprenderam, nem quando foi para o Brasil, nem nas tantas viagens que fez, nem em Coimbra, onde fez a vida. As raízes fundas foram feitas metonímia, as raízes fundas foram personificadas. Nesta terra de serranias, escolheu ser enterrado Miguel Torga (o Miguel vem dos seus dois heróis literários, os espanhóis Miguel Cervantes e Miguel Unamuno), o escritor para quem o paraíso foi um “reino mágico”, que é o mesmo que dizer Trás-os-Montes.

Não sabemos por quantas mãos passou o velho exemplar dos *Novos Contos da Montanha* até chegar ao armário do Espaço Miguel Torga (EMT), a poucos metros da casa onde o escritor nasceu. Sabemos que a 22 de Maio de 1998, Arménio Vasconcelos, de Leiria, deixou o seu testemunho na primeira página do livro, manchada e já dura como um pergaminho. Assinado e datado, conta a descoberta do livro na campa, no fim de uma viagem de homenagem a Torga, que morrera três anos antes, em 1995. Agora, quem chega à campa do escritor provavelmente não encontrará livros (não faltarão flores: nós deparamo-nos com rosas vermelhas a rodear um jarro) mas estará em pleno território torguiano, servido de roteiro apropriado (delineado pela filha, Clara Rocha), que se declina na serra e no Douro, os dois rostos de Trás-os-Montes que ele descreveu e que o descrevem.

Nós seguimos o roteiro improvisado pelo director do EMT (São Martinho de Anta), João Sequeira, em torno das próprias palavras de Torga.

**“S. Domingos, S. Leonardo, a Senhora da Azinheira, o Poio... As páginas capitais de uma antologia panorâmica da minha geografia nativa (...).”**

Concentramo-nos no concelho de Sabrosa (a “terra de Fernão Magalhães”, como se anuncia) com um desvio apenas até ao vizinho Peso da Régua. Na verdade, não saímos de São Martinho de Anta — “S. Martinho é um marco de orientação e segurança que vejo em todas as horas de perplexidade e angústia e de todos os quadrantes do mundo”.



“O que estamos a fazer era uma das actividades preferidas de Miguel Torga”, nota João Sequeira, também nosso guia informal por este território híbrido de biografia e literatura, a dada altura do nosso passeio. “Ele gostava de fazer de guia turístico.”

**“Mostro-lhes o que nunca viram: panoramas que são autênticas obras-primas da ecúmena, onde a geografia física e a geografia humana se complementam. A ossatura telúrica e a epiderme elaborada. O natural e o cultural em conjugação perfeita. E fico desobrigado. O resto é por conta deles. Se prestam, vão mais ricos. Dilatarem o espírito à proporção dos horizontes. Se não prestam, vão mais pobres. Mediram-se com a grandeza e perderam.”**



Para trás ficou já a Senhora da Azinheira, um “sítio por excelência da geografia de Torga”, sublinha João Sequeira. Oficialmente até é Senhora da Assunção, mas a azinheira por detrás da capela impôs-se. No nome, apenas, porque o orago é celebrado a 15 de Agosto. E “ele gostava muito da romaria aqui”, algo que lhe ficou talvez “da infância”. É uma festa especial, esta, que prossegue no dia seguinte com merendas nos penedios — “cada família tem a sua fraga”, explica João Sequeira — feitas dos restos e de vista.

**“Vejo a Senhora da Azinheira a branquejar no alto da serra, oiço o sino a badalar, sei-me a boca tabafeira, cheira-me a rosmaninho.”**

Não a vemos no alto, talvez nos falte treino, mas vemos do seu alto. O Marão e o Alvão, o cheiro a rosmaninho rodopia, estamos empoleirados num “mar de fragas”, onde se escavaram degraus toscos e improvisaram bancos. Voamos pelos vales, a âncora é a quase singela capela, branca, rematada a granito, interior que poderia ser espartano não fora o dourado — ocupa o retábulo, desenha pórticos e

remates — e o colorido vivo do tecto em abóbada de madeira. É o barroco do século XVIII a aliviar a dureza da serra que aqui se salpica de castanheiros. É pela sua crista que seguimos, contando as árvores que lhe resistem na luta contra o granito, que surge como uma erupção, e o vento, resiliente. Restos escurecidos de abrigos, aldeias de montanha, Garganta, a terra dos avós paternos de Torga, outrora com “forte sentido comunitário”, agora vazia, casas grandes fechadas. É na estrada que a liga a Vilar de Celas que fazemos o desvio. O carro fica na beira da estrada, percorremos umas poucas centenas de metros, para além do carvalho, biombo involuntário da necrópole de Touças.

**“Se um dia vier a talho de foice, hei-de escrever uma página sobre estas necrópoles transmontanas, de granito, aninhadas no cimo de uma serra, com ar de quem lava as mãos disto da vida e da morte.”**

É uma paisagem que nos remete a paragens mais setentrionais, Escócia ou Irlanda — verde-esmeralda contra serras nuas de penedos amarelecidos, as pedras graníticas velhas, gastas, musgosas, que se empoleiraram em pequenos muros, montam mosaicos.

E nela queremos adivinhar um círculo sagrado de pedras — ilusão da primeira vista. As pedras, se já tiveram um alinhamento geométrico, perderam-no, afinal. Mantêm, porém, a aura ancestral, misteriosa, como se capaz de todas as magias e por isso, milénios depois, ainda ali se fizeram sepulturas antropomórficas, incluindo duplas. Torga, conta João Sequeira, quis escavar neste local, enquanto jovem, mas rapidamente desistiu. O fascínio, esse, permaneceu — “que silencioso alfabeto de pedras era aquele?”, escreveu.



A cultura megalítica é insidiosa por estes caminhos, os topónimos ecoam-no. Torga não lhe foi indiferente — refere, por exemplo, os monumentos megalíticos que nimbam a serra de mistério e que desde rapaz venera “como sacrários de uma ancestralidade” a que é “fiel”. Por isso não é surpreendente que quando soube da notícia de escavações na Mamoia de Madorras, “um sepulcro de gigantes construído por gigantes”, escreveu, tenha ido imediatamente para lá, conta João Sequeira, acompanhar os trabalhos.

***“A grande mamoa da serra escavada. A câmara, o corredor e os contrafortes expostos à luz do dia e ao espanto de quem olha.”***

Teve a impressão, registaria ainda, “de que estava a ser feita a autópsia do passado”. E o passado está de costas voltada para a estrada, a poucos metros dela, mas camuflado — vê-se sem se ver. Para quem passa é mais um monte de terra, a entrada abre-se do outro lado, o corredor já mal delineado, o portal em equilíbrio que pareceria precário não estivesse ali desde o neolítico, o espaço circular da câmara interior já vazio de sacralidade.

Sagrado foi sempre São Martinho da Anta: “Nenhuma hora da minha vida tem significação sem esta referência.”

***“Aqui estou. Vim mostrar a mulher aos velhos, à senhora da azinheira e ao negrilho. Gostaram todos.”***

São Martinho terá mudado muito desde esse ano de 1940, o das apresentações mútuas. Era aldeia, passou a vila. Há casas novas, avenida até à igreja, os pais partiram, o negrilho (ulmeiro) já não é um “gigante a sonhar, bosque suspenso/ Onde os pássaros e o tempo fazem ninho!” — “secou quando o Torga morreu”, conta João Sequeira. É agora um resto macilento, tronco, quatro ramos amputados, pedaços de metal como ligaduras (e parte dele está nas traseiras do Espaço Miguel Torga, embrulhado em plásticos), certamente mantido como símbolo. O busto de escritor (“Aqui/ neste Lugar/ e nesta hora”) e o poema “A um negrilho”, este negrilho — ainda que, na verdade, na terra onde nasceu houvesse “só um poeta”, escreveu, o “mestre da inquietação/ serena”. Estamos no Largo do Eirô, que parece ser o principal, alinhado em rosto eclético, com “queda” clara para o granito, e cruzeiro central. Aqui, a farmácia, correio,

minimercado, multibanco, clínica dentária, Residencial

Central — onde Miguel Torga gostava de fazer refeições, diz João Sequeira, “era do senhor Mário, que foi presidente da junta por indicação do escritor” e que agora é só para dormidas —, junta de freguesia. No primeiro andar funcionou uma extensão do centro de saúde, diz João Sequeira, por teimosia do próprio escritor (e médico). Fechou e com ele fechou-se algum material médico-cirúrgicos que Miguel Torga, ou, no caso, o médico Adolfo Correia da Rocha, doou, incluindo batas suas que estão expostas numa vitrina no espaço que agora está vazio de função (e fechado).

Quando Miguel Torga, que vivia em Coimbra, estava em São Martinho de Anta (o que acontecia frequentemente, “vinha por temporadas”), não faltava quem lhe batesse à porta para consultas. A sua casa fica a poucos metros do largo, na rua que um ano depois da sua morte passou a ter o seu nome. É uma casa térrea, humilde, que herdou dos pais — a irmã vivia ao lado. Sofreu algumas obras quando a sua mulher, Andrée Crabbé, aqui viveu uns meses, “a casa nativa actualizada, com todas as sombras do passado pintadas (...)”.

Branca, com portadas pintadas de azul claro, cortinas de rendas a preencher os quadrados envidraçados da porta da cozinha; rododendros, as azáleas, noveleiro, carvalhos, o quintal. Tanto a casa como o terreno foram doados, em 2014, pela família à Direcção Regional de Cultura do Norte para ali se instalar uma casa-museu cuja abertura esteve anunciada para 2015 — por enquanto, permanece muda.

Muda está também a sineta da escola local, que continua lá, no pequeno frontão da fachada. Já não se ouve, portanto, o “Tem lêndeas... Tem lêndeas... Tem lêndeas”, de *A Criação do Mundo*, o romance semiautobiográfico, nem “há mimosas à roda” — conta João Sequeira que um dia de Natal, na década de 1970, Torga passou a tarde a replantar as mimosas da sua infância na escola. O EMT tinha a ideia de o fazer, em sua homenagem, mas, sendo proibido plantar mimosas, uma torga substituiu-a na escola ainda a funcionar.

***“Foi ali que num remoto dia de mocidade me senti consciente do meu destino de artista***

***(...). Ali ia retemperar a lira quando a sentia bamba.”***



“Ali” é São Domingos de Monte Coxo e chegamos com o nevoeiro a tapar o “grandioso panorama circular” de que fala Torga nos seus *Diários*. O caminho é difícil até ao santuário, as pedras intrometem-se na terra sulcada pela chuva; o cenário é desolador, calcinado ainda. Lá em cima, as abertas deixam ver o apenas cenário aos retalhos — descemos seguindo o compasso de duas perdizes bamboleantes. Estivera Miguel Torga aqui, estas não poderiam estar tão relaxadas. Caçador ávido, muitos dos seus dias passava-os montes fora, boné na cabeça, espingarda a tiracolo. Dizia-se “geófago”: “Caminho que me desunho”.

É por esses montes, em estradas serpenteadas, que descemos para o Douro, ou

melhor, o “Doiro, rio e região, certamente a realidade mais séria que temos”. É que não basta

**“(…) descer de Sabrosa para o Pinhão, estacar em S. Cristovão, e abrir a boca de espanto. Não é ir a S. Leonardo de Galafura (…), olhar o caleidóscpio, e ficar maravilhado”.**

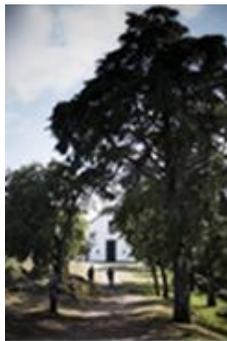
### **Espaço Miguel Torga: a porta de entrada para o mundo do escritor**

Se a casa-museu Miguel Torga ainda continua no plano das intenções, o Espaço Miguel Torga (EMT) é a porta de entrada para o mundo do escritor na sua terra natal. No edifício de Souto de Moura, térreo, revestido a xisto, que abraça um terreiro (ocupa o terreno da feira: durante a construção esta transferiu-se para o Largo do Eirô e não mais regressou, apesar de se ter mantido esta “ágora” para ela) e se “afunda” na paisagem (onde se plantou um vinha), passa-se em revista a vida e obra do escritor. Há 27 painéis onde se acompanha cronologicamente a sua vida, se mergulha nas polémicas onde o escritor, sempre livre na sua cidadania (uma torga, não esquecer), se envolveu (ou viu envolvido, como a do Nobel) e acompanhamos a sua carreira pelos olhos da imprensa (nacional e internacional). As fotografias são abundantes, cruzando-se a sua vida pública com a privada, as suas palavras vão aparecendo, assim como as de outros — sobre ele. Nos arquivos estão manuscritos, algumas edições raras e noutros idiomas.

Anfitrião natural de quem chega a São Martinho de Anta no encaço de Miguel Torga, o espaço tem sentido um afluxo de visitantes maior este ano, se calhar, aventa João Sequeira, “pela reintrodução de Torga no currículo opcional do 12.º ano”. Aqui chegam escolas e universidades séniores; visitantes de fim-de-semana e amantes de arquitectura. Encontram a sala de exposições permanente, uma de exposições temporárias (até finais de Julho *A máscara em Trás-os-Montes*), cafetaria (com funcionamento irregular), biblioteca, loja e auditório.

E este não é um espaço estático. A programação é regular e passa por acolhimento (de concertos a apresentações de livros, por exemplo) e promoção (e produção) de vários eventos que já fazem parte do calendário cultural de Sabrosa. Vejam-se os ciclos de

música “Novas Canções da Montanha” e o de poesia “Solstícios e Equinócios”, as sessões “A vida passa lá fora”, conversas conduzidas por Fernando Alves e convidados de várias áreas, os espectáculos itinerantes “Conto Contigo”, que, em parceria com o Peripécia Teatro, levam encenações de contos de Miguel Torga a aldeias da região, e o Festival Literário do Douro. A 12 de Agosto celebra-se sempre em festa o aniversário de Torga e a 17 de Janeiro assinala-se a sua morte. E continuam a recolher-se (e a promover a sua audição e interacção com diversos públicos) os “Sons da Montanha” — um projecto de gravação de preservação da memória — do universo torquiano.



### **Guia Prático**

#### **Como ir**

A partir do Porto, seguir pela A4 em direcção a Vila Real. Sair para o IP3 e continuar pelo A24/IP3 até à N322. Sair em São Martinho de Anta.

## Onde comer

Constantino / Rua Fundo do Povo, 23 /  
S. Martinho de Anta / Tel.: 259 939133

O Douro é um drama “feito de carne e sangue”. Se beleza não lhe falta, “a própria beleza deve ser entendida”. Adentramo-nos, então, pela beleza do drama. Entre florestas verdes, novamente o rosto pétreo que aflora em vertigem vertical no Poio, dramatismo acentuado pelo negro que o fogo deixou pintado no solo e nos troncos, e já vemos as vinhas a bordar os montes. Torga fazia quilómetros e quilómetros por aqui e um dia chegou a Ordonho. “Entre duas perdizes”, escreveu, desbloqueou S. *Leonardo de Galafura*, o poema, depois de 30 anos, “bem medidos”, a olhar o miradouro. Nós paramos numa das curvas à saída da aldeia e olhamo-lo, também, “alcandorado no seu trono de penedos e nuvens, com o Douro ajoelhado aos pés e o céu a servir-lhe de resplendor”. Havemos de lá chegar.

Por enquanto, continuamos a descer, enganando as pedras que resvalaram dos muros dos socalcos na tempestade do dia anterior — um final de Maio violento. As quintas vão-se sucedendo, Caleira, do Crasto, Marka, as placas “vende-se vinho” na beira da estrada — cenários de *Víndima*. A estação de Ferrão já foi essencial nestas paragens, para o abastecimento destas quintas e aldeias, e para entretenimento: “As pessoas vinham ao domingo só para ver os comboios passar, faziam festas aqui.” Agora, o comboio ignora a estação de Ferrão — os edifícios esventrados parecem indicá-lo —, embora nesta tarde pare para deixar entrar um grupo de turistas brasileiros. Fica o silêncio do abandono, um parque de merendas novo em folha do lado de lá da linha, rente ao Douro a correr entre o lamacento e o verde (a “cor barrenta muito falada por Torga”, nota João Sequeira) — no Cais do Ferrão, um barco solitário. “Corre, corre caudal sagrado”, escreveu Torga aqui.

Nos passos de Torga não mais deixaremos de ter o Douro a espreitar ou a exhibir-se. No miradouro de S. Cristóvão, vemo-lo a receber o rio Pinhão, e em São Leonardo de Galafura temos uma das suas mais belas vistas.

**“O Doiro sublimado. O prodígio de uma paisagem que deixa de o ser à força de se desmedir. Não é um panorama que os olhos contemplam: é um excesso de natureza.”**

Miguel Torga nunca se cansou de aí perscrutar o cenário, medir as curvas do rio, aquilatar a geometria dos socalcos e a insolência dos campos e bosques. Voltou sempre, ao longo da sua vida. Ao rio e à serra, a Trás-os-Montes. Em cada regresso, nova reflexão, novo poema, os mesmos locais. Uma descoberta contínua (e compulsiva) que foi também uma espécie de auto-psicanálise.

**“Estas paisagens já estão de tal modo explicitadas dentro de mim, que parecem escritas no meu entendimento. Quando cuido que estou a interpretá-las, estou a ler-me.”**

Andreia Marques Pereira  
(Textos) e Nelson Garrido  
(Fotos)

**“Criaste-nos para Vós, Senhor,  
e o nosso coração não descansa enquanto não repousar em Vós”!**

(Sto. Agostinho)



*dies natalis*

**Pe. Manuel Vilar**

(13 de Agosto de 2019)

**[Quando abrires os limites do Universo]**

Quando abrires os limites do Universo  
e encerrares as fronteiras do viver  
estaremos diante do teu Reino  
pois, vais restaurar todas as coisas!

Quando forem destruídas as cidades  
e a ruína assolar a Criação,  
estaremos diante do teu Reino  
porque queres a Nova Criação!

Quando o corpo for o pó de que é formado  
e a vida em nosso sangue se extinguir,  
estaremos diante do teu Reino  
porque tu prometeste a Paz eterna!

Quando a Luz deixar vazio o nosso olhar  
e a nossa voz já não se ouvir entre outros homens  
estaremos diante do teu Reino  
porque tu és o Deus da nossa Morte!

Quando a morte dos homens peregrinos  
for a entrega da Vida à Esperança  
estaremos diante do teu Reino  
porque és o Deus Vivo e Verdadeiro!

Manuel Neto

**Na Páscoa - passagem da Morte à Vida -, ou no Natal - *dies natalis* - do Pe. MANUEL VILAR que tão bem soube ser Padre para nós e Irmão connosco, aqui partilhámos o belíssimo Poema escrito já na passada década de 70!**